

Luta contra a morte

ARTE: Lane e Alex

TODOS OS DIAS, os médicos do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) têm que tomar uma estranha, terrível decisão. Escolher a quem salvar numa lista de 4.061 pacientes, onde estão, por exemplo, milhares de casos graves de todos os tipos de câncer. O diretor-geral do HBDF, Rafael Barbosa, definiu a situação como um dilema de Hamlet, onde a enigmática sentença do príncipe da Dinamarca: "Ser ou não ser", pode ser trocada por "quem salvar ou não salvar?".

Com isso, mesmo que conviva com o diagnóstico de câncer de próstata, um doente terá de esperar até um ano para ser operado. Enquanto isso, o mal avança. Na mesma fila, um paciente com cálculo renal não será atendido antes de três anos. "Nossa prioridade é a doença maligna", explica o diretor do HBDF. Neste contexto, até mesmo um aneurisma, que é mortal e cujo sintoma principal é uma forte dor de cabeça, perde sua condição de urgente. "Tivemos de alterar conceitos como urgência e emergência nesta nova condição", disse Barbosa.

Desta vez, pelo menos, a dramática situação vivida pelo Hospital de Base não está diretamente ligada à eterna falta de recursos para a saúde pública. Também não é uma simples carência de profissionais do setor nem mesmo os comuns entraves burocráticos. Faltam médicos anestesistas. Mesmo concursados, eles vêm se recusando a trabalhar na rede pública.

O HBB tem hoje apenas 31 anestesistas, quando precisava no mínimo de 50. Se pudesse contar com o número de médicos necessários, poderia realizar pelo menos mil cirurgias eletivas por mês, e não apenas as 400 que vem fazendo, mesmo com seu centro cirúrgico funcionando 24 horas e tendo que realizar outras 350 cirurgias de emergência. Segundo Rafael

Barbosa, se os anestesistas concursados não recusassem o emprego, a lista de mais de quatro mil cirurgias estaria pela metade.

Reunidos numa espécie de cooperativa, segundo a secretária de Saúde, Maria José da Conceição, eles exigem que o contrato com o HBDF seja feito em nome da cooperativa, o que implicaria em uma maior remuneração e na instituição de privilégios. Enquanto não se acerta os valores a serem pagos, aos pacientes da "fila da morte" não resta outra saída a não ser esperar.

Os dirigentes do HBDF e da Secretaria de Saúde garantem que todos os esforços já foram feitos no sentido de convencer os profissionais a aceitar o contrato de trabalho oferecido. "Mas a resposta é sempre não", comenta a secretária. O transtorno causado diariamente com a recusa obrigou os responsáveis pela saúde pública do DF a tomarem uma decisão. Tentaram trazer médicos cubanos, argentinos e uruguaios para substituir os anestesistas brasileiros, "mas o Conselho Regional de Medicina não aprovou a conduta", lamentou a secretária.

Com a fila de doentes graves aumentando todos os dias e sem qualquer possibilidade concreta de resolução do problema, já que não há lei que obrigue qualquer médico a aceitar um emprego público, a Secretaria de Saúde decidiu instituir o "mutirão das cirurgias". Nos finais de semana, a partir de fevereiro, o corpo médico e de enfermagem do HBDF será acionado para trabalhar exaustivamente até que a "lista da morte" seja reduzida pelo menos à metade.

Os médicos e enfermeiras vão ganhar hora-extra e trabalhar o tempo que for necessário para que possamos acabar com a lista de espera. Segundo Maria José da Conceição, o mutirão funcionará levando-se em consideração, além do critério da urgência da cirurgia, o fato de o paciente ser residente no DF. (SUELENE TELES)

